

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Danielle de Assis Caetano

**Do enraizamento da ideologia racista à construção de
representações positivas sobre o negro.**

Belo Horizonte
2012

Danielle de Assis Caetano

Do enraizamento da ideologia racista à construção de representações positivas sobre o negro.

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Docência na Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação e Relações Étnico-raciais.

Orientador: Prof(a)Dra.Elânia de Oliveira

Belo Horizonte

2012

Danielle de Assis Caetano

Do enraizamento da ideologia racista à construção de representações positivas sobre o negro.

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Docência na Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação e Relações Étnico-raciais.

Aprovado em 14 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Prof.Dra.Elânia de Oliveira - Faculdade de Educação da UFMG

Prof.- Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

No cotidiano das escolas, frequentemente podemos perceber diferentes atitudes, gestos e comportamentos que demonstram o preconceito e o racismo praticado contra os negros. Essas posturas são percebidas através das brincadeiras, dos apelidos e xingamentos lançados em relação ao sujeito negro.

De uma maneira muito geral, as referências que se fazem em relação ao negro sugerem sua incapacidade, passividade, feiura, sujeira, o que acaba colaborando para a construção de uma identidade negativa e para a reprodução de uma ideologia racista.

Desse modo, tentando deslocar ou desconstruir essa imagem negativa cheia de estereótipos sempre atribuída aos negros, foi realizado junto com as crianças do primeiro ciclo do Ensino Fundamental da Escola Municipal Hugo Werneck, um trabalho sobre a identidade individual e coletiva, tentando apontar a contribuição e importância dos negros e africanos para a sociedade brasileira.

Ao realizar esse trabalho buscou-se oferecer às crianças a possibilidade de conhecer a África como um continente imenso, diverso e apresentar a história de luta e resistência dos negros no Brasil de forma a construir referências positivas sobre os negros e a produzir como efeito a valorização da identidade negra.

A tarefa não é nada fácil. Contudo, a realização desse trabalho deu a “largada” para que mudanças e transformações comecem a se processar no interior da escola. É evidente que a educação das relações étnico-raciais deve ser sistemática e pautar todas as práticas e ações na escola, mas, com disposição e conhecimento é possível contribuir para a desconstrução da ideologia racista e promover a afirmação da identidade negra na escola.

Palavras-Chave: Ensino Fundamental, Relações Étnico-Raciais, Identidade Negra.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	6
2.JUSTIFICATIVA.....	8
3.CONTEXTUALIZAÇÃO DE CAMPO	10
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	19
5.METODOLOGIA.....	22
6.CRONOGRAMA.....	23
7.OBJETIVOS.....	24
8.DESENVOLVIMENTO DA AÇÃO PEDAGÓGICA.....	25
9.AVALIAÇÃO.....	45
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
11.REFERÊNCIAS.....	48
12.ANEXOS.....	49

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se trata de um plano de ação desenvolvido numa escola de ensino fundamental da Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, como parte das exigências para a obtenção do título em Especialista em Educação e Relações Étnico-Raciais.

O título – Do enraizamento da ideologia racista à construção de representações positivas sobre o negro - evidencia o desejo de tocar nos processos identitários dos negros, promovendo a construção de representações positivas sobre os mesmos.

A identidade negra, como destaca GOMES(2002)é uma construção social, histórica e cultural “ repleta de densidade, de conflitos e de diálogos”, formada a partir da relação com o outro. Dessa forma, é também uma construção e postura política, que se coloca diante de todo um contexto das relações de poder e dominação vividas pelos negros no Brasil.

A escola, como um espaço específico de formação, mais do que oferecer ou proporcionar conteúdos, disciplinas, testes, provas, currículos etc, lança e confronta diferentes olhares, interferindo na construção da identidade negra.

Esse olhar lançado sobre o negro, seu pertencimento étnico-racial, sua história e cultura, dependendo do modo como são apresentados no interior da escola, tanto pode promover uma valorização quanto favorecer a estigmatização, a negação e a discriminação dos negros.

A partir da análise da dinâmica da escola em que atuo, pude perceber que pouca importância ou valor temos dado às queixas e reclamações de discriminação racial na escola, e que pouco tem sido construído para a implementação da Lei 10.639/2003 e para a superação do racismo na escola e para a construção de referências positivas sobre os negros.

Ao refletir sobre essa situação de forma mais aprofundada, relacionando-a e problematizando-a com os referenciais conceituais e conhecimentos adquiridos ao longo do curso de especialização,(LASEB) construí o Plano de Ação Pedagógica.

O planejamento deste plano de ação iniciou-se de forma angustiada e insegura, buscando orientações e sugestões com colegas de trabalho e curso e também com a coordenação pedagógica da escola.

O objetivo geral foi promover a valorização da identidade étnico racial das crianças atendidas na Escola Municipal Hugo Werneck e a positividade da identidade negra.

O trabalho foi desenvolvido durante os meses de outubro e novembro de 2011, por meio de aulas e encontros semanais, em que buscamos discutir a questão racial, apresentando a história e luta do povo negro e também referências africanas recriadas no Brasil e presentes na sociedade.

Assim, para orientar a leitura deste trabalho apresento a relevância social ou justificativa para a execução do plano de ação, a caracterização do contexto, o público-alvo do plano, os objetivos e a metodologia utilizada para a realização e execução do plano, a ação pedagógica propriamente dita, os alcances e limites resultantes de sua aplicação.

Os resultados alcançados foram bem significativos, e apontam a possibilidade do fortalecimento das relações étnico-raciais na escola com ações que envolvam toda a comunidade escolar. Recentemente, a escola promoveu o diálogo sobre as relações étnico-raciais, com a participação e mediação de uma representante do Núcleo de Relações Étnico-raciais e de Gênero da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.

Esse momento foi muito produtivo e permitiu um aprofundamento nas discussões da construção de um projeto coletivo para que assim possamos implementar efetivamente a Lei 10.639/2003 na escola.

2. JUSTIFICATIVA

Realizei e concluí minha graduação em Pedagogia, com ênfase em Gestão e Coordenação Pedagógica, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, no ano de 2005.

Minha trajetória profissional começa ainda naquele ano, com o fim da graduação, trabalhando em uma escola privada, prestando assistência para a coordenação escolar.

Somente em 2008, quando ingressei na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, sendo lotada na Escola Municipal Hugo Werneck, é que passei a me dedicar à carreira docente. Assumi o cargo, ministrando aulas de Geografia e História para o Ensino Fundamental, o que continuo realizando, atendendo a quatro turmas do primeiro ciclo.

A escola se localiza na região oeste de Belo Horizonte e a maior parte das crianças atendidas é muito pobre e mora nas vilas próximas à escola. Vivem sob péssimas condições, estando sujeitas à violência, à pobreza e ao tráfico.

Infelizmente, as pessoas ainda não aprenderam a respeitar as diferenças, e desde que cheguei na escola sempre percebi as tensões que se estabeleciam em decorrência disso. Essas tensões podem ser percebidas nas brincadeiras, gestos e nas falas que muitas vezes provocam um mal enorme no indivíduo oprimido, perseguido.

Na escola, a questão racial sempre provocou problemas, oposições e brigas entre os alunos. Frequentemente, podemos ver os alunos tratarem os colegas negros como feios, ou sujos. O termo “macaco” já foi inúmeras vezes empregado contra os negros, gerando conflitos diversos. Certa vez, o uso desse termo causou até agressão física entre as mães dos alunos envolvidos, isso foi registrado pela Guarda Municipal que acompanha a escola. Além disso, frequentemente constatamos a recusa das crianças em assumir seu pertencimento étnico-racial e em construir uma identidade negra positiva.

Embora a escola tenha algumas experiências com o trabalho de identidade, no ano de 2011, realizamos um trabalho/projeto que buscava discutir a identidade individual e coletiva do ser humano.

Nele buscamos apresentar aos alunos a possibilidade de reflexão sobre seu papel e importância no mundo, resgatando através da memória, dos fatos e documentos elementos que pudessem narrar um pouco da sua trajetória e história.

Além disso, buscamos mostrar que o indivíduo está presente em todos os lugares e comunidades, relacionando-se com outros seres e com todo o ambiente onde vive. Nessa convivência, buscamos trabalhar a diversidade, analisando as diferenças, conceitos, preconceitos, características e valores.

Dessas discussões, várias foram as impressões construídas e a necessidade de estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de cada grupo.

Durante a execução das atividades e dinâmicas desse projeto, pude perceber que as crianças – negras - tão marcadas pelo preconceito, tinham dificuldade de se assumirem como tais. Isso pôde ser percebido através de seus gestos, falas, desenhos e representações que sempre evidenciavam a recusa e a negação de uma identidade negra. Ficou também evidente perceber o desconhecimento da história da comunidade negra, o que justifica o estudo, a discussão e a execução do plano de ação para positivação da identidade negra.

Desse modo, além de atender ao cumprimento da Lei 10.639/03, que vem garantir a inclusão da história da África, da cultura e dos países da diáspora africana nos currículos oficiais, esse plano buscou dialogar com todas as crianças, de modo que elas refletissem sobre a diversidade étnico-racial e começassem a se educar etnicamente, para assim se construir uma postura de enfrentamento ao racismo, seja na escola, seja em outros espaços sociais.

Durante a execução do plano de ação, apresentei para as crianças a importância da história e cultura negra, africana, através de ações que propiciassem a valorização e o reconhecimento da cultura africana para/ na sociedade brasileira.

Embora a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 procure efetivar a condição de um Estado democrático, de direito, ainda possuímos uma realidade marcada por posturas preconceituosas e discriminatórias aos afrodescendentes. Desse modo, é fundamental que a escola como um espaço social de realização da educação colabore para que, de uma vez por todas, o racismo possa ser combatido. Assim, passo a seguir a apresentar a escola onde foi realizado o plano de ação.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO DE CAMPO

3.1 Histórico da Escola Municipal Hugo Werneck

Durante o mandato do prefeito Américo René Gianetti, na década de 50, foi feito um levantamento nos núcleos de população das vilas e periferias da cidade, para verificar o número de crianças, em idade escolar, que não estavam matriculadas nas escolas.

Dessa pesquisa verificou-se um número muito alto de crianças sem acesso à escola. Nesse contexto, o prefeito decidiu então inaugurar vários grupos escolares e escolas municipais nos bairros e vilas mais afastadas.

Assim, em 11 de maio de 1953 foi inaugurada uma escola na Vila São Jorge, regional oeste da capital. Essa escola recebeu o nome de *Escola Municipal Hugo Werneck*, pelo decreto n.223 de 6 de abril de 1953, em homenagem ao médico Dr. Hugo Eiras Furquim Werneck.

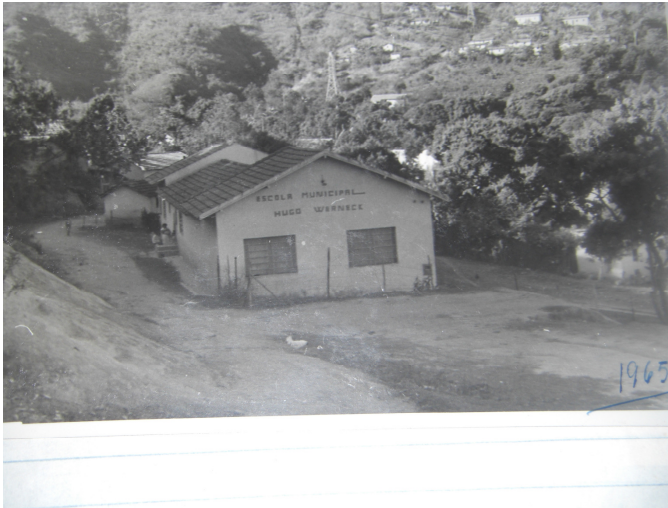
Num primeiro momento, a escola funcionava na Capela São Jorge, depois foi transferida para uma sala situada no Posto Municipal de Saúde da Vila São Jorge.

Em 1956, já no mandato de Celso de Melo Azevedo, construíram-se mais duas salas de aula e o gabinete da diretora. A escola passou a contar com três salas de aula e a funcionar em dois turnos.



Fachada da escola em 1957.

Somente em 1971, foi transferida para o “prédio novo”, local onde funciona atualmente e o seu nome foi elevado para Grupo Escolar.



Prédio da escola em 1965.

Em setembro de 1976, de acordo com a lei 5.692, O Grupo Escolar recebe novamente a denominação de Escola Municipal Hugo Werneck. Foram quase 20 anos com ampliações e redefinições.

A administração da escola esteve sempre reformando e melhorando seu espaço físico. Houve ampliação da biblioteca, a transferência da secretaria para o local onde funciona atualmente, implantação da sala de informática, reforma dos banheiros, construção do auditório, sala de mecanografia e sala de atendimento do PSE-Programa Saúde na Escola. A cantina e refeitório também são reformados, houve a repaginação do jardim, construção do orquidário e horta Além disso, buscou a adequação dos seus espaços melhorando a acessibilidade(rampa ,elevador e canaletas).



Rampa/acessibilidade em 2007.

3.2 Caracterização do Público

A Escola Municipal Hugo Werneck está localizada na Rua Oscar Trompowisky 1.372, Vila São Jorge, CEP-30431-177 em Belo Horizonte, Região Oeste da cidade.

A escola atende às comunidades da Vila São Jorge e do Aglomerado Morro das Pedras, que estão localizadas em seu entorno.

Os alunos são, em sua grande maioria, filhos de pais oriundos de classe trabalhadora autônoma e de baixo poder aquisitivo (biscates, ambulantes, faxineiras, auxiliares de pedreiros, vigias, etc) e de um grande número de desempregados.

Já os alunos do Ensino de Jovens e Adultos, possuem como característica a vivência da exclusão social e econômica, apresentam um tempo maior de escolaridade, repetências acumuladas e/ou interrupções na vida escolar, sendo que alguns nunca tiveram acesso a uma instituição escolar.

A comunidade Morro das Pedras iniciou-se a partir de 1920, quando iniciada a ocupação da região, até então formada por chácaras, fazendas, alguns casebres, nascentes e córregos.



Vista geral do Morro das Pedras.

No início do século XX, nessa região havia uma pedreira, onde se extraíam pedras que serviam de matéria-prima para a construção de Belo Horizonte. A região foi ocupada em função dessa atividade extrativista e a área hoje é conhecida como Morro das Pedras.

A área do aglomerado Morro das Pedras, conhecida como Vila São Jorge, recebeu este nome segundo os moradores pela devoção a São Jorge e também como homenagem ao antigo time de futebol de várzea da região- São Jorge Esporte

Clube.

A comunidade Vila São Jorge é formada por um público que convive com desemprego, fome, violência e tráfico de drogas, e é também constituída por trabalhadores de baixo poder econômico. É uma comunidade marginalizada que tem constantemente, seus direitos humanos e sociais violados, e vive em condição de pobreza.

Muito embora a comunidade atendida conviva com tantas dificuldades e problemas, é importante destacar que ali podemos perceber, um intenso movimento cultural, representado pela presença do rap, funk, o grafite, o congado dentre outras manifestações da cultura popular

3.3 Do espaço físico



Fachada da escola-2010

O espaço físico da escola é dividido em três grandes construções em blocos sendo que dois possuem dois andares e o terceiro apenas um andar. Espalhados pelos blocos funcionam: 13 salas de aula, biblioteca, cantina, sala dos professores,

sala de informática, banheiros, sala de coordenação pedagógica, secretaria, caixa escolar, diretoria, auditório/sala de balé.



Auditório

Na área central da escola há uma quadra poliesportiva coberta. Atrás da quadra coberta temos um espaço reservado para jogos e brincadeiras realizadas pela Escola Integrada.



Quadra e pátio

A quadra coberta e o pátio externo da escola são utilizados nos finais de semana pela comunidade com atividades esportivas pelo Projeto Escola Aberta e Projeto Fica Vivo.



Pátio externo

Todo o espaço restante é utilizado como pátio ao ar livre. É arborizado e possui, como se pode ver, um lindo jardim.



Jardim

3.4 Relação Escola x Comunidade

Muitos estudiosos em educação falam da importância e dos benefícios do contato entre escola e família/comunidade e como esse diálogo pode gerar novas fontes de inovação, atualização pedagógica, mediando um bom funcionamento escolar.

Embora também seja reconhecida na própria legislação nacional a obrigação e a importância da família/ comunidade para o desenvolvimento pedagógico, atualmente podemos perceber um distanciamento das instituições escola e família.

De acordo com os registros da escola, durante o seu processo de construção e expansão, a comunidade esteve muito presente, participando e se envolvendo com as questões da escola. Lê-se na Ata de Colegiado de 1991, que toda a comunidade se mobilizou e fez um grande mutirão para a realização das obras de ampliação do espaço da escola.

Contudo, ao longo de sua história começou a ocorrer um distanciamento ou enfraquecimento dessa parceria. Atualmente a comunidade está muito ausente. Há necessidade de integrar a família ao cotidiano escolar, em função principalmente dos problemas relacionados ao desenvolvimento dos alunos nos aspectos cognitivo, social e emocional. Há também necessidade de chamar a atenção das famílias para a questão da violência e indisciplina presentes no espaço escolar, e para assim juntas buscar estratégias que possam contribuir para o melhor funcionamento da escola.

Segundo os documentos analisados, durante todos esses anos, a escola tem investido em ações que contemplem essas famílias. Realizou e firmou diferentes parcerias e projetos pensando num melhor atendimento e acolhimento de seus alunos. Um exemplo foi a parceria com a Faculdade de Psicologia da Newton Paiva, para atendimento dos alunos com dificuldades de relacionamento e disciplina.

A escola tem investido em ações como o projeto “Tecendo laços, fortalecendo afetos”, que contemplam essa aproximação. Entretanto o envolvimento e a participação têm sido muito pequenos. Realiza também reuniões de pais nas quais são apresentados resultados, processos e metodologias de aprendizagem.

3.5 Estrutura de trabalho e Organização dos tempos escolares

Para organizar seu trabalho pedagógico no turno da tarde- que recebe alunos de Primeiro Ciclo do Ensino Fundamental, com idades que variam de 5 anos e 8 meses a 13 anos(no caso de alunos repetentes), a escola dispõe de 13 profissionais: 2 coordenadoras, 10 professoras “referência 1”(professora que fica por mais tempo em sala de aula com os alunos)e 3 professoras “referência 2”(professora que fica quatro horas semanais com os alunos, uma hora diária) e uma professora interventora(professora que atende os alunos com dificuldade de aprendizagem em espaço criado especialmente para esse fim, acompanhando crianças cursando o

terceiro ano do primeiro ciclo.)

As professoras “referência 1” fazem um trabalho mais sistematizado e direcionado às dimensões de alfabetização e letramento, devido à maior permanência em sala de aula junto aos alunos. Há também o trabalho com as disciplinas de Artes e Ciências.

O trabalho das professoras “referência 2” está ligado ao meio ambiente, à identidade, à cidadania, à diversidade cultural, espaço geográfico e história. Além disso, umas dessas professoras “referência 2” trabalha especificadamente com a Educação Física, contemplando práticas corporais, percepção do corpo, valorização da ludicidade e construção da autonomia.

3.6 Proposta Pedagógica

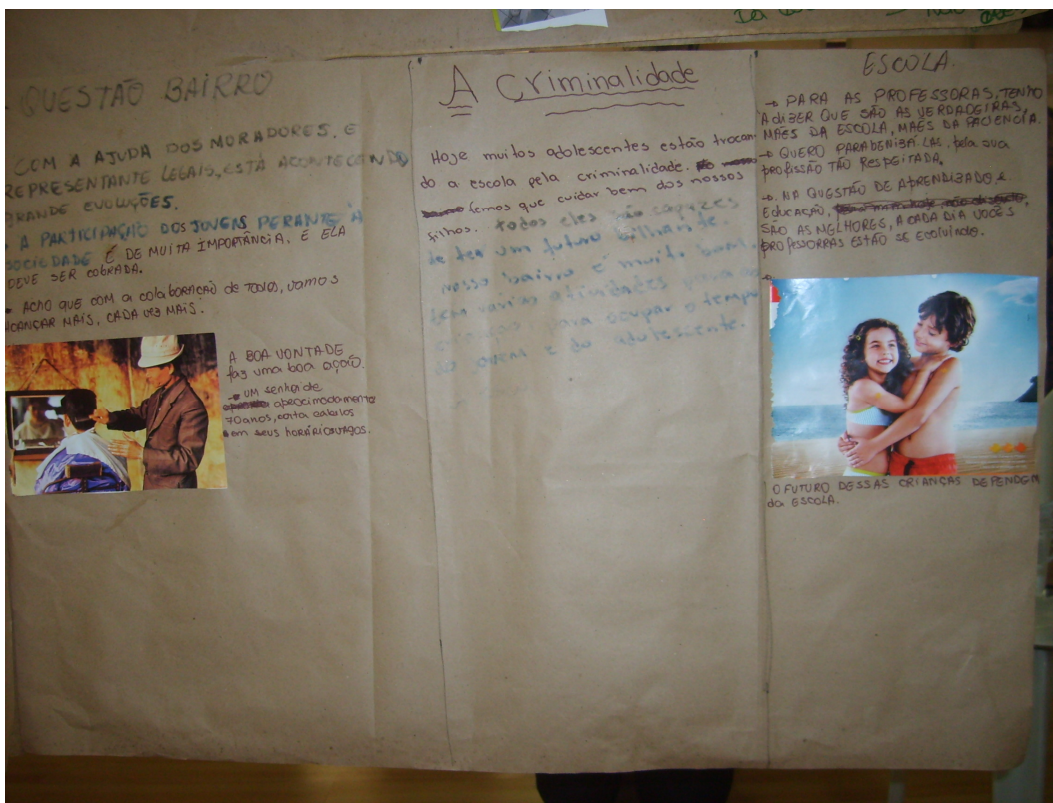
A organização do trabalho da escola está de acordo com os pressupostos da Escola Plural da Rede Municipal de Belo Horizonte e busca considerar os indivíduos, seus tempos e ritmos de desenvolvimento.

Em 2010 a escola se articulou para a elaboração do Projeto Pedagógico da escola. Contudo, como esses momentos de reflexão foram vinculados às reuniões remuneradas, não pode contar com a participação de toda comunidade escolar.

Desde sua fundação, a escola nunca elaborou seu PPP, contudo alguns fatores apontaram a necessidade de colocá-lo em construção, são eles:

- as mudanças no contexto mundial, nacional e local, principalmente no tocante à Educação Escolar;
- as reformas educacionais que atingem o cotidiano da escola, no caso de Belo Horizonte a Reforma que propõe à escola a organização do trabalho em ciclos, as competências e os eixos que devem informar o trabalho pedagógico, como a construção da autonomia, o tratamento da informação e a participação na vida social e, por último, a necessidade de implementação das proposições curriculares.
- a formação e as demandas específicas de educadores que analisam o contexto e os estudantes, considerando as especificidades dos sujeitos que se formam na escola;

- as dificuldades advindas da inserção da rede municipal de Belo Horizonte em uma política de avaliação externa.



Cartazes produzidos pelas famílias, no processo de construção do PPP.

4.FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA-CONCEITUAL

Construir uma identidade negra na sociedade brasileira não é uma tarefa muito simples. Ao longo da história vivida no Brasil, a pessoa negra foi, e ainda há quem a considere, sinônimo de escravizada, marginalizada, entre tantas outras expressões que são apresentadas diante da sociedade numa condição de inferiorizadas.

Isso provocou no sujeito negro cicatrizes tão profundas que ele passou a incorporar a inferioridade sofrida, ou seja, as próprias pessoas negras se julgam inferiorizadas e incapazes. Pois " o descrédito atribuído a um grupo que é inferiorizado atinge todas as pessoas que se identificam neste grupo, provocando a baixa autoestima."

Para entendermos essa configuração do sistema de relações raciais no Brasil, devemos fazer uma incursão na história e buscar desvelar diferentes pensamentos, ideias e teorias que dão sustentação ou fundamentação para sua existência.

Durante mais de três séculos a escravidão vigorou no Brasil legitimando a inferioridade dos negros e inibindo qualquer discussão sobre cidadania. Somente a partir de meados do século XIX, com a proximidade do fim da escravidão e da própria Monarquia é que a questão racial passou a ser discutida.

Os primeiros estudos /teorias que se destacaram no Brasil acabavam naturalizando e fortalecendo a tese da inferioridade do negro.

As teorias raciais praticadas por cientistas brasileiros no final do século XIX e início do século XX, representados por Nina Rodrigues e Silvio Romero, identificavam nos africanos e em seus descendentes o principal entrave para o desenvolvimento do país como uma grande civilização. Além deles, podemos destacar as iniciativas de branqueamento do povo brasileiro através da imigração europeia, a eugenia, como melhoramento da raça.

Após essas primeiras teorias, Gilberto Freire, elaborou sua tese de democracia racial; o mito da democracia racial, buscando mascarar o preconceito e o racismo presente na sociedade brasileira.

Embora novos estudos tenham surgido contestando e contrariando essas teorias, ainda hoje a influência desses primeiros estudos permanece fortemente inserida na sociedade brasileira, gerando o preconceito, racismo, e a negação da

identidade negra.

Para Joaquim (2001):

Saber-se negro é viver a experiência de ter sua identidade negada, mas é também e, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em sua potencialidade. Essa identidade daí emergente é necessária, por ser historicamente formada em uma sociedade ambígua e multifacetada. Uma identidade, ao mesmo tempo, étnica e política, não somente individual, mas também coletiva.

Só as pessoas negras que assumem a sua identidade negra, entendem o conceito de ser negro. Porém, quando esta pessoa não se reconhece, desconhece sua origem e história: “ignora o sentido histórico relegado a negritude e ignora o significado dos traços e lutas presentes no pertencimento a esse grupo”, acaba também promovendo o preconceito.

Nesse contexto é que emerge a importância da educação, em suas diferentes e diversas formas e modelos para a nossa formação, humanização (valores, crenças, hábitos etc).

De acordo com Carlos Rodrigues Brandão (1981):

“A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras de trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar- às vezes a ocultar-, a necessidade da existência de sua ordem.”

Somente a partir da educação do povo, da conscientização, e conhecimento da história da África e dos africanos, da luta dos negros do Brasil e da cultura negra que poderemos combater o racismo.

Daí, a importância do direcionamento das políticas públicas educacionais, para subsidiar a escola a encaminhar um processo de igualdade e solidariedade que favoreça as relações e ajude o educando a construir sua própria identidade.

Durante muitos anos a educação foi um privilégio apenas das minorias, as elites brancas, essa exclusão da vida escolar significou também a exclusão dos

negros na participação política e social, e o enraizamento da ideologia racista.

Diante desse quadro, diferentes organizações e movimentos buscam corrigir e reparar essas desigualdades, pressionando o Estado a adotar ações afirmativas. A expansão da rede pública de ensino contribuiu, em parte, para amenizar essa situação, incluindo a camada pobre e negra da população na escola.

Contudo, mesmo incluindo, a estrutura curricular ainda despreza a história e a cultura do africano e dos negros. É nesse panorama que podemos avaliar a importância da Lei 10.639/2003, que determina a obrigatoriedade de incluir a História e Cultura Afro-brasileira e Indígena no currículo do ensino público e privado do país.

Mesmo sendo, no momento atual, uma temática estabelecida por lei, o processo educacional ainda precisa avançar para uma abordagem universal sobre a história, a cultura e identidade da pessoa negra.

5. METODOLOGIA

Desde abril de 2011, quando iniciou o curso de Especialização *Latu Sensu* em Educação e Relações étnico-raciais, vinha me preparando para as discussões sobre as relações étnico-raciais na escola. Isto, porque infelizmente não recebemos na nossa formação, o preparo necessário para lidar com o desafio que a questão nos apresenta. Assim, foi dado início o trabalho de levantamento, pesquisa e estudo sobre o tema.

O Plano de Ação Pedagógica foi desenvolvido com as crianças a partir de Outubro de 2011 e se estendeu até Novembro do mesmo ano. As datas foram definidas pela coordenação do curso.

A prática de ensino e plano pedagógico foram desenvolvidos no segundo semestre de 2011 e abrangeram o primeiro ciclo do Ensino fundamental. Foram selecionadas três turmas, cada uma representando um ano/etapa do ciclo de desenvolvimento.

A escolha pelos alunos do primeiro ciclo, se deve à crença de que quanto mais cedo a criança for educada etnicamente em relação às diferenças, logo o racismo deixará de existir.

De acordo com alguns estudiosos, as crianças ainda não possuem preconceitos tão arraigados. É no contexto das interações sociais e por meio das identificações, que elas se percebem como parte do mundo social específico. E que conforme o modo como são identificadas e tratadas pelos outros, adquirem uma autoimagem fomentada de sua identidade.

Além disso, como trabalho com essas turmas duas ou três vezes na semana, teria mais condições de observar e analisar os resultados dos trabalhos aplicados.

6. CRONOGRAMA

Atividades/referências	Período
Trabalhar os grupos sociais, a diversidade humana. Autoimagem e autoestima. Crianças brasileiras e crianças africanas. Livros: Crianças como você.UNICEF	Outubro de 2011
A África que eu conheço é assim? Sondagem das imagens e representações de África no imaginário das crianças- desenhos – construção álbum/livro	Outubro de 2011
Conhecendo o continente africano Explorando o mapa, história e luta negros/africanos.	Outubro de 2011
A cultura e arte africana : Brinquedos e brincadeiras-bonecas abayomi Máscaras africanas	Novembro de 2011
As palavras: construção de dicionário afro-brasileiro Trabalhando com literatura – personagens negros.	Novembro de 2011

7. OBJETIVOS

A consolidação de uma escola pública de qualidade, inclusiva e mais democrática é o objetivo da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte. Para tal, e buscando atender a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a proposta desse trabalho pretende abordar por meio de atividades, dinâmicas e trabalhos pedagógicos, a relação com o outro, a diversidade, o combate ao racismo e ao preconceito. Busca também conduzir para a valorização e positividade da identidade negra.

7.1 Objetivo geral

Promover a construção de representações positivas sobre os negros e descendentes de africanos.

7.2 Objetivos específicos

- Orientar as crianças na percepção de si e do mundo;
- Discutir a diversidade e a relação com o outro;
- Criar condições adequadas para se discutir a identidade étnico-racial na sala de aula;
- Conhecer um pouco da história do continente africano e seus povos;
- Reconhecer e valorizar a contribuição africana para a cultura brasileira.
- Desconstruir estereótipos existentes sobre os africanos e afrodescendentes.

8. DESENVOLVIMENTO DA AÇÃO PEDAGÓGICA

Para realizar a ação pedagógica, e tendo em vista os objetivos gerais e específicos elaborados para sua execução, acabei organizando uma subdivisão do trabalho a ser realizado: Identidade e diferença, África é assim!- conhecendo o continente africano: sua arte e cultura, valorização e reconhecimento da herança africana.

Identidade e Diferença

Para dar início ao trabalho, comecei investigando e discutindo com os alunos a constituição da identidade. Ao introduzir o tema desejava que cada um percebesse como muitas vezes somos influenciados pelas pessoas com quem convivemos. Ou seja, é pela convivência com os outros que acaba-se construindo a própria identidade.

Num primeiro momento, as crianças não conseguiam explicar o conceito de identidade. Para elas identidade era apenas um “documento” que eles teriam quando se tornassem adultos. Depois de explicar e trabalhar com eles começaram a compreender a identidade individual.

Em seguida, passamos introduzi o conceito de identidade coletiva(a partir da consulta do livro didático adotado na escola). Com essa discussão busquei mostrar que quando compartilhamos gostos e preferências passamos a formar um grupo social. São as semelhanças e diferenças que definem quem somos.

Atividade- “Espelho, espelho meu!!”

Nessa dinâmica de trabalho, preparei uma caixa enorme e coloquei bem no seu fundo um espelho.

Ao apresentar a caixa, provoquei os alunos, e disse que ali havia depositado algo incrível, de grande valor que não poderíamos encontrar em nenhum outro lugar do mundo. As crianças ficaram muito animadas, interessadas com a atividade.

Todas colaboraram com sua execução, mantendo o segredo até que o último colega

de classe recebesse a caixa.

Ao realizar essa atividade, pude perceber as reações de cada criança ao receber a caixa e conhecer o seu conteúdo.

Muitas riram diante da descoberta, outras pareciam desapontadas, como se esperassem encontrar ali qualquer outra coisa, Algumas crianças, se olharam com atenção, outras nem se olharam .De modo geral, elas não conseguiram identificar sua importância e valor.

Analisar o resultado dessa dinâmica não é tão simples, como poderia se imaginar.

Segundo Nelly Beatriz M. P. Penteado, a auto-estima vai sendo formada desde o momento em que nascemos. Todas as experiências que resultam em satisfação, conforto, alegria, vão compondo uma auto-estima positiva. Desse modo, a auto- estima pode ser entendida como a capacidade de gostarmos de nós mesmos, de nos aprovamos, aquela certeza de que somos capazes de realizar uma porção de coisas, de que somos realmente muito competentes em determinadas habilidades, e também a capacidade de termos uma auto-imagem positiva. Neste processo, a atitude e os comentários dos pais e professores acerca da criança são decisivos para a construção de seu auto-conceito.

Atividade –“Minha bandeira é dez!! “



Para introduzir a atividade, verifiquei com as crianças o time de futebol que elas preferiam e torciam. Foi um grande alvoroço, como era esperado. Cada criança defendia bravamente seu time de coração, afirmando ele ser o melhor. Após essa sondagem inicial, solicitei que cada criança criasse a sua bandeira. A princípio elas acharam que deveriam reproduzir a bandeira de seu time e ficaram muito animadas, entretanto depois que comecei a explicar a atividade e que solicitei que criassem ,confeccionassem uma bandeira com imagens delas mesmas, muitas questionaram sua realização e acharam um pouco estranha. Ao planejar essa atividade, acreditava que assim como as crianças defendem seu time de coração, sua bandeira e escudo, também o fariam pela SUA bandeira. Assim, solicitei que cada uma delas criassem a sua bandeira, sendo sempre fiéis ao que conseguiram ver através do espelho.

Algumas crianças se recusaram no começo: Como a criança Bia* ” Ah, não professora, a minha bandeira vai ficar feia!” ,essa fala foi dita por uma menina negra. Ao me deparar com essa situação, mais uma vez percebi como a ideologia racista construída ao longo tempo acabou produzindo ideias preconceituosas e estereótipos, interferindo e impactando na identidade e na autoestima das crianças negras.



Outra criança, também muito “perseguida” e marginalizada pelos colegas na escola, também se recusava a criar sua bandeira. Essa menina vive “meio” abandonada pela família, constantemente ela vai à escola suja e despenteada. Por essa razão, as crianças acabam hostilizando-a. Embora a escola, já tenha interferido na situação, e encaminhando o caso para os órgãos competentes, essa criança apresenta uma imagem negativa de si mesma, uma baixa autoestima.

Além dessas observações, algumas crianças durante a confecção da bandeira, ficaram “fazendo piadas” , e lançando xingamentos sobre as crianças citadas.

Ao realizar esse trabalho, buscava começar a criar em cada criança um sentimento de valorização da autoestima e da autoimagem. Sei que esse resultado não foi produzido com a realização dessa atividade, entretanto, pelo menos a discussão começa a acontecer no espaço da escola.

Atividade: “Crianças como você”

Diante dos resultados e observações realizadas na execução da atividade “Minha bandeira é dez!”, achei relevante e pertinente falar sobre a diversidade.

Apresentei para as crianças o livro Crianças como você.



Ao trabalhar o livro, desejava que percebessem as diferenças entre as crianças de todo mundo, e que mesmo diante dessas diferenças elas não deixavam de ser crianças.

Apresentei as crianças de alguns países do mundo e pude perceber que para a turma as crianças bonitas eram sempre de países europeus. Já as crianças “feias” eram sempre de algum país do continente africano.

“A

África

é???



Sondagem das imagens e representações de África no imaginário das crianças

Nesta atividade comecei retomando o livro Crianças como você.

Mostrei as imagens de crianças africanas. Ao expor as fotos, comecei a perguntar sobre o lugar em que essas crianças viviam, como viviam, se relacionavam, brincavam, etc. As ideias apresentadas pelas crianças foram muito interessantes.

De um modo geral, elas identificavam a África, como um espaço de pobreza, fome, miséria, de doenças, alguns diziam que lá só tinham animais, que as pessoas viviam em florestas, ou ocas, não tinham água para sua subsistência, andavam pelados, não dispunham de tecnologia, uns diziam que ficava pertinho da escola outros falaram que ficava “muito, muito, muito distante de nós”, frase dita por um aluno, tentando exprimir a distância de nosso lugar de vivência. dentre outros.

Todos os relatos e ideias apresentadas fazem parte de estereótipos construídos ao

longo tempo e reproduzidos sistematicamente pelas pessoas.

Durante os séculos IX/XIX, as principais construções históricas europeias acerca do continente africano, diziam que aquele era um espaço recheado de mitos, ficções, imagens fantasiosas, imerso em um grande véu de preconceitos e injunções desqualificantes, espaço periférico e primitivo da humanidade, lugar de natureza e selvageria, pólo de incivilidade e inferioridade.



Neste cartoon de 1890, a autora alemã retrata um suposto domingo a tarde na África Ocidental. A imagem retrata os africanos ligados à selva, afirmando a sua característica de um povo incivilizado, ligado à barbárie.

Em excelente obra introdutória à História da África, Mary Del Priore e Renato Venâncio, retrataram algumas construções mentais sobre o continente africano.

Acreditava-se, também, que a parte habitável da Etiópia era moradia de seres monstruosos: "os homens de faces queimadas". [...] A cor negra, associada à escuridão e ao mal, remetia no inconsciente europeu, ao inferno e às criaturas das sombras. O Diabo, nos tratados de demonologia, nos contos moralistas e nas visões das feiticeiras perseguidas pela Inquisição, era, coincidentemente, quase sempre negro (Del Priore e Venâncio, 2004: 56).

A historiografia da África tem até hoje as marcas dos primeiros contatos com os europeus. Contudo, desde a década de 60, o debate historiográfico tem se intensificado bastante gerando novas abordagens e explicações sobre o continente africano, devendo ele ser estudado levando em conta suas próprias estruturas, lógica interna e suas inter-relações, bem como em relação ao mundo extra-africano.

Assim, mais recentemente, podemos ver um movimento na tentativa de desconstruir as ideias correntes e a visão homogênea e distorcida do continente africano.

Para a revisão da história africana precisamos lançar mão de diferentes métodos e caminhos, como: as fontes escritas, a arqueologia, a tradição oral, a linguística, a antropologia e a etnologia.

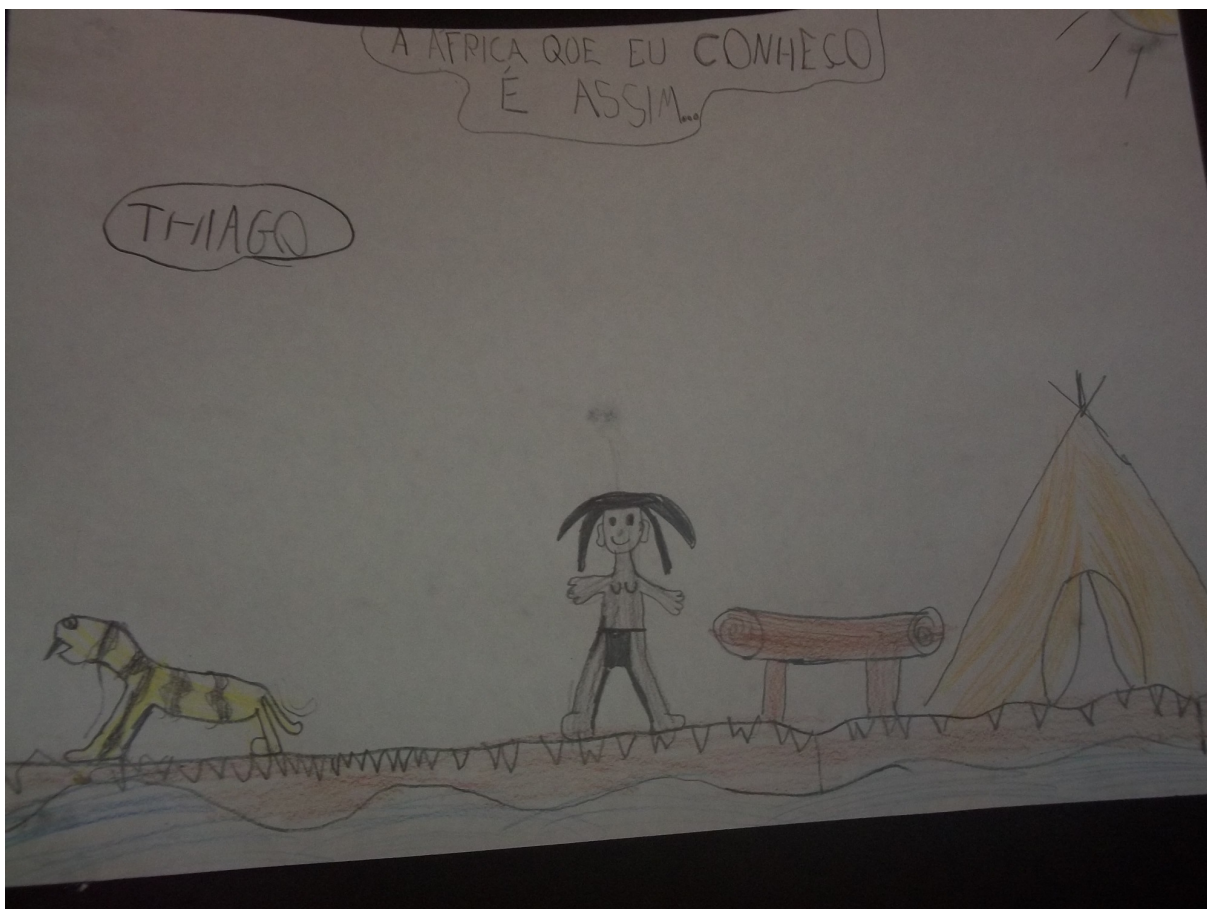
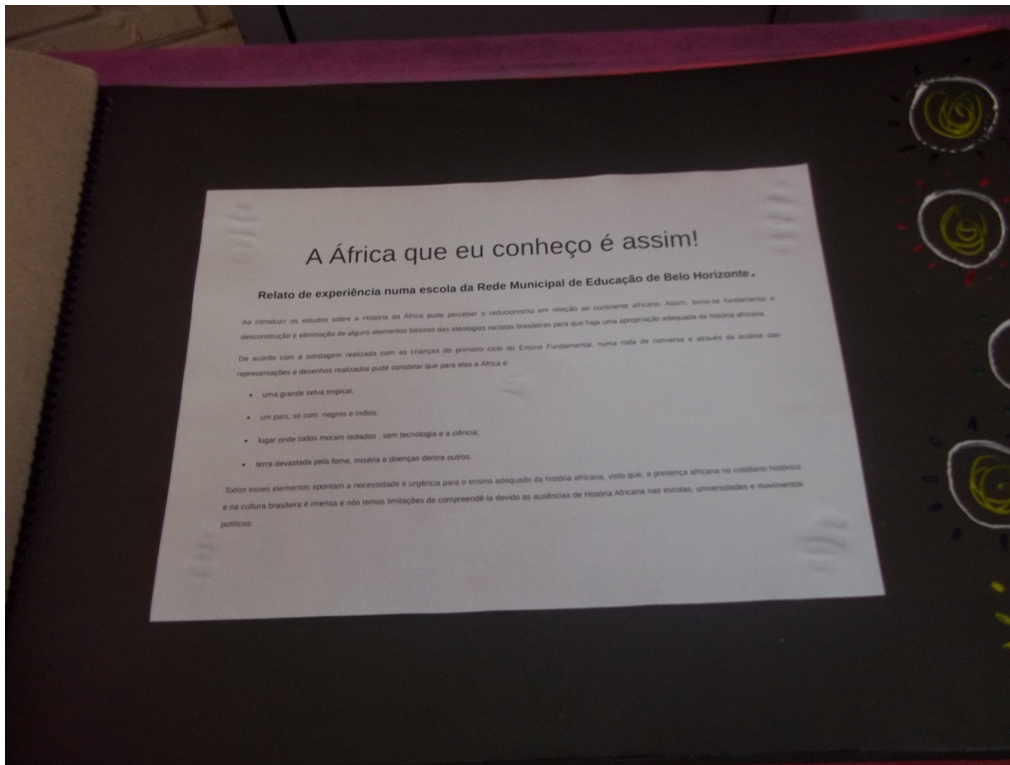
Atividade- “ A África que eu conheço é assim!”

Após esse momento de sondagem e avaliação das ideias atribuídas ao continente africano solicitei que cada criança registrasse através de desenhos suas impressões.

O produto desta atividade ficou riquíssimo e foi sistematizado num livro/



álbum.



Ao introduzir os estudos sobre a História da África pude perceber o reducionismo em relação ao continente africano. Assim, torna-se fundamental a desconstrução e eliminação de alguns elementos básicos das ideologias racistas brasileiras para que haja uma apropriação adequada da história africana.

Os desenhos e representações produzidas pelas crianças revelam o reducionismo com que continente ainda é visto e tratado pelas pessoas. Em muitos desenhos pude perceber a presença de animais, da paisagem natural. Todos esses elementos apontam a necessidade e urgência para o ensino adequado da história africana, visto que, a presença africana no cotidiano histórico e na cultura brasileira é imensa e nós temos limitações de compreendê-la devido as ausências de História Africana nas escolas, universidades e movimentos políticos.





Atividade- Descobrimdo e desvendando o continente africano

Após esse momento de sondagem, passei a apresentar aos alunos a diversidade e riqueza do continente africano.

Num primeiro momento, levei para a sala de aula o globo terrestre e o mapa do continente africano. Busquei explorar sua dimensão, seus países, localização no mundo e em relação ao Brasil.



Apresentei o continente, tentando destacar sua diversidade, em diversos aspectos: língua, religiosidade, política, cultura história. Desse modo, buscava mostrar e desconstruir a ideia de que o continente africano é único, homogêneo.

Ao expor imagens de diferentes países do continente africano, as crianças ficaram impressionadas com o apresentado, e começaram a perceber as diferenças e a diversidade até então desconhecidas.

Algumas fotos apresentadas aos alunos:



Egito



Moçambique

Atividade- Cultura e arte africana

A África desempenhou um importante papel na História da Humanidade, uma vez que, ali foram encontrados os primeiros vestígios do ser humano na terra. Através desta constatação fica evidente que as produções artísticas dos diversos povos africanos, é uma das mais antigas do mundo.

As características tão singulares da arte africana fizeram com que durante muito tempo ela fosse vista como uma "arte inferior". Não se considerou o fato de

que a arte por ser produção humana é diversa.

Contudo, a partir do século XX vários artistas passaram a reconhecer a importância e riqueza desta arte que tem fornecido matéria-prima e inspiração para vários movimentos artísticos contemporâneos da América e da Europa.

Atividade- As máscaras africanas

Dentre as manifestações de arte africana, as máscaras revelam-se muito importantes nas comunidades africanas. Geralmente estão ligadas a rituais religiosos, de guerra, de fertilidade da terra e até mesmo de entretenimento. De acordo com Luzia Gomes Ferreira, "diferentemente das máscaras da sociedade ocidental, toda a indumentária que cobre o corpo do mascarado é considerada máscara; e geralmente são os homens quem dançam mascarados. Quando esculpidas, as máscaras africanas não representam fielmente rostos humanos como em outras sociedades; e sim, nas suas representações elas vão transcender o plano terreno, elas são produzidas de forma que se perceba a sua ligação com o sobrenatural, com o divino".

Numa tentativa de apresentar mais sobre o continente, preparei uma aula sobre máscaras africanas. Essa aula teve início com uma roda de conversa sobre a presença da máscara na cultura africana. Para ilustrar e motivar o grupo apresentei imagens de diferentes tipos, formas e estilos de máscaras africanas.

No momento da apresentação das imagens realizei alguns questionamentos para orientar o olhar das crianças sobre as imagens, através de perguntas do tipo: todas as máscaras são produzidas com uma mesma finalidade e os materiais para a confecção das máscaras. Depois desse momento solicitei que cada criança construísse a sua máscara. Deixei-as livres para elaborar e criar a máscara que quisessem. As crianças ficaram encantadas com a atividade, Acharam muito interessante a história das máscaras no continente africano e questionaram porque

aqui não temos o hábito e costume de confeccioná-las.





Atividade – As Bonecas Abayomi

O surgimento ou origem das bonecas abayomi, feitas de pedaços de panos das roupas das mães africanas, que as utilizavam para diminuir o sofrimento de seus filhos nos navios negreiros, mostra as raízes, a ancestralidade e a história do povo africano trazido para o Brasil para ser escravizado.

De origem iorubá, a palavra Abayomi pode ser traduzida como meu presente. Inspiradas em personagens do cotidiano, contos de fadas e orixás, as bonecas abayomi ,sempre negras, buscam o fortalecimento da auto-estima e reconhecimento da identidade negra.

São feitas de sobras de panos, que são amarrados , resgatando o fazer artesanal, sem costuras e com o uso mínimo de ferramentas, enquanto diferentes questões são refletidas.

Abayomi não é apenas uma boneca de pano, não é somente uma técnica. De acordo com Waldilena Martins, uma das criadoras da técnica no Brasil,

“(...) pra mim, Abayomi ela é uma bandeira poética, eu como militante, eu, eu defino ela dessa forma, porque é um objeto singelo, mas que tem uma, alguma coisa impactante de ser uma boneca totalmente negra que não tem desenho de olho, de boca, nem de nariz. E o objetivo do meu trabalho, é fortalecer a autoestima da população afrodescendente e, dessa forma, por mais simples que seja, estar contribuindo pra eliminação do racismo (...)”

A decisão de fazer essa atividade junto as crianças diz respeito a crença de que é essa é uma dinâmica de sensibilização que promove o fortalecimento da autoestima e a identidade afro-brasileira.

Para dar início a atividade contei a história das bonecas abayomi, sua origem e importância na cultura africana . Apresentei um texto instrucional para a confecção das bonecas ,em seguida cada criança elaborou sua boneca para o fortalecimento da auto-estima e reconhecimento da identidade afrobrasileira de negros e descendentes.



Valorização e reconhecimento da herança africana

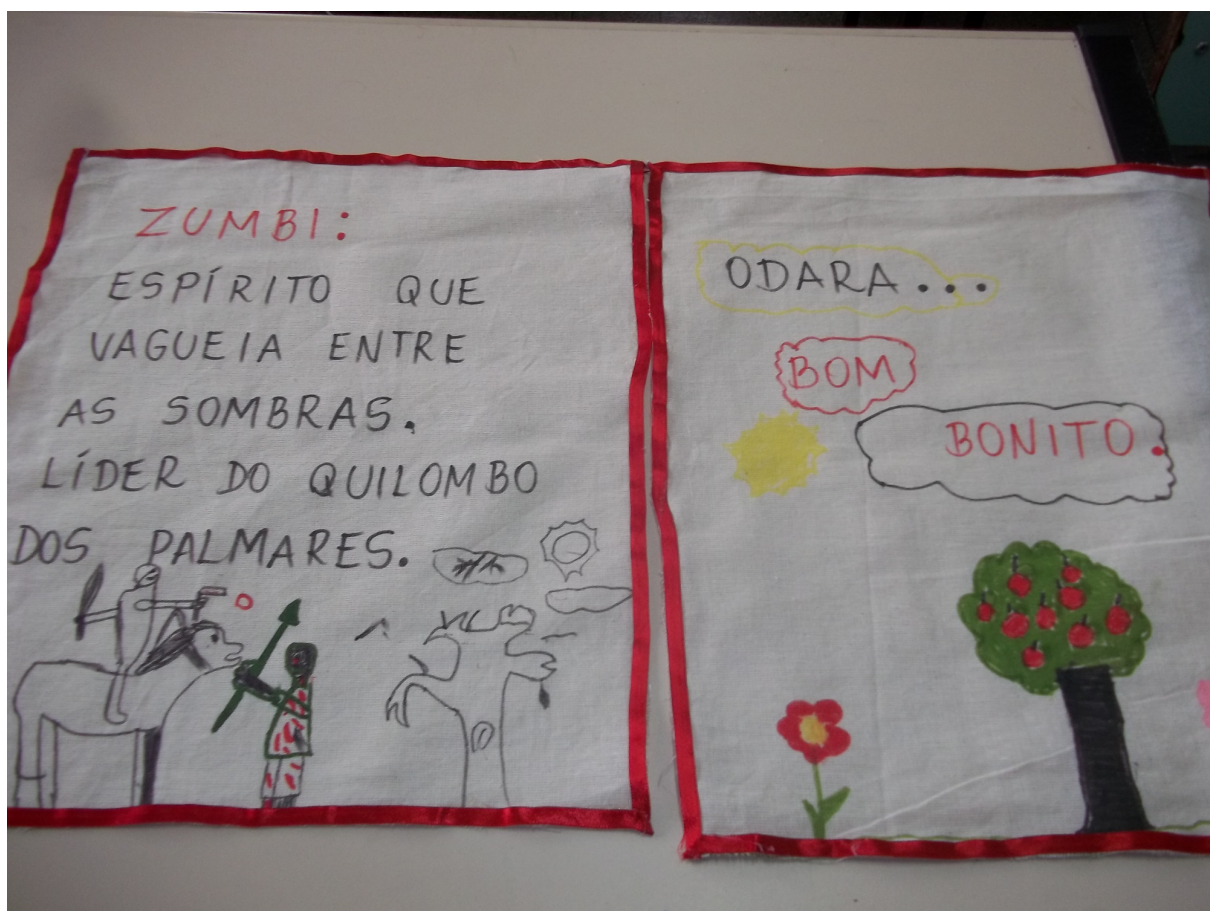
Atividade – Memória das Palavras

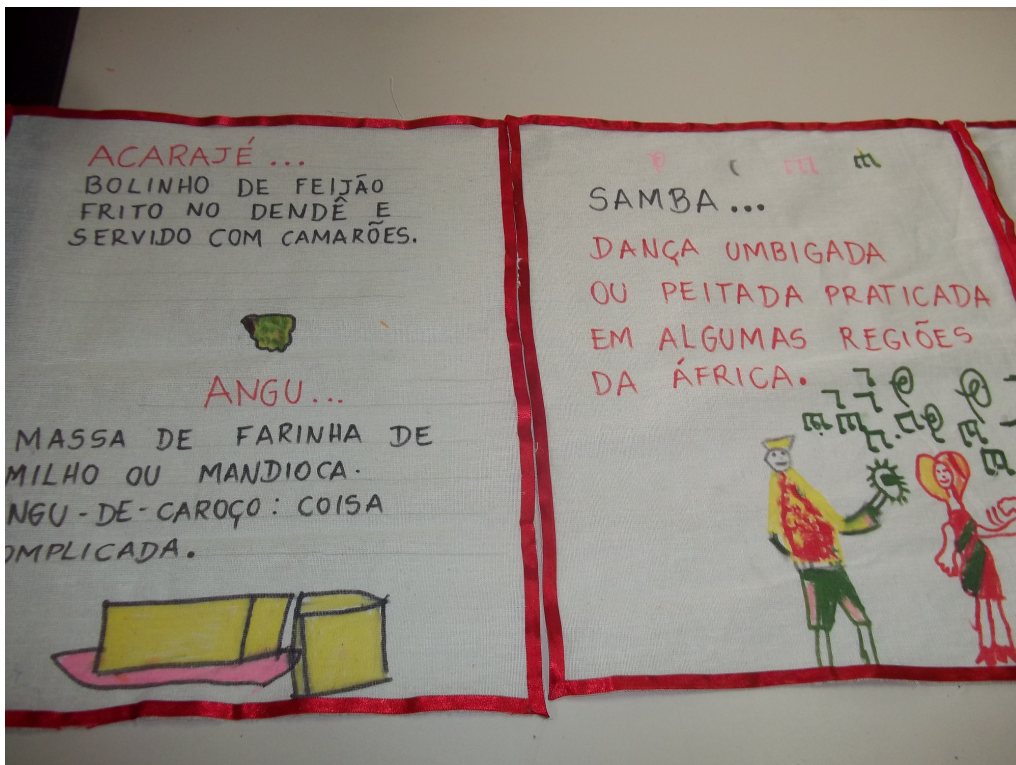
Ao longo de três séculos, o Brasil viveu um intenso processo de escravidão dos negros, que eram trazidos sistematicamente do continente africano. Isso fez com que o Brasil se tornasse hoje o país com a segunda maior população negra do planeta.

Ao virem para o Brasil, os negros não apagavam da memória sua história, tradição e cultura. Ao contrário, muitas manifestações da cultura africana foram recriadas e permanecem vivas no Brasil.

Em nosso vocabulário, muitas palavras usadas no dia-a-dia tem origem em diferentes grupos étnico-linguísticos.

A partir dessa constatação comecei a pesquisar diferentes palavras e confeccionamos diferentes panôs, Cada um deles contemplava uma letra do alfabeto e apresentava seu sinônimo.





Atividade- Literatura com personagens negros



Como sabemos o racismo tem raízes profundas na sociedade brasileira e se manifesta em diversos espaços sociais. Isso exige que a escola adote posturas e práticas que colaborem para a superação do racismo, como enfatiza GOMES(1995):

“Os movimentos sociais, as lutas da comunidade negra exigem da escola posicionamento e a adoção de práticas pedagógicas que contribuam para a superação do racismo e da discriminação (...)é necessário uma formação político-pedagógica que subsidie um trabalho efetivo com a questão racial na instituição escolar. Boa vontade só não basta!”

Com a Lei 10.639/2003 novas práticas pedagógicas se fazem necessárias para que se percebam uma revisão e mudança nas relações étnico-raciais no cotidiano escolar.

Nesse panorama, a literatura afro-brasileira, as literaturas africanas e ou literatura com personagens negros, surgem como ferramentas para a configuração

de novas referências negras.

Considerando esse panorama, realizei com os alunos o estudo de algumas obras com personagens negros. Ao realizar essa atividade busquei trabalhar com as crianças o próprio corpo, a autoestima, a consciência corporal e o autoconhecimento.

Realizamos o reconto de algumas histórias, e construímos também bonecos negros. Essa atividade foi muito produtiva, apontando possibilidades para a reconfiguração da identidade negra.



9. AVALIAÇÃO

A realização desse trabalho na escola foi de grande relevância, principalmente para mim e para os alunos que se envolveram na sua execução.

É claro que ainda precisamos caminhar e muito na perspectiva da educação ou reeducação das relações étnico-raciais, contudo, a primeira “semente já foi plantada“

No que se refere ao objetivo geral desse trabalho que era promover a construção de representações positivas sobre os negros e descendentes de africanos acho que ele foi parcialmente alcançado.

É claro que podemos perceber uma mudança nas crianças quanto à imagem do negro, contudo, desfazer as marcas e os estereótipos depreciativos tão fortemente enraizados na nossa sociedade não é tão simples.

Se num primeiro momento essa caminhada me pareceu muito solitária, hoje, já consigo perceber uma tentativa em se realizar um trabalho coletivo voltado para as relações étnico-raciais.

No final de 2011, realizei uma exposição dos trabalhos realizados pelos alunos na Mostra Cultural da escola, que despertou o interesse e atenção de toda a comunidade da escola.

Nesse ano, 2012, a nova gestão da escola percebendo a importância e atendendo aos referenciais mundiais e os dispositivos legais, passou a dialogar na perspectiva da implantação da Lei 10.639/2003.

Como resultado, desse novo posicionamento no mês de junho de 2012, foi realizado um encontro entre os profissionais da escola para se discutir a questão, e a começar a refletir e produzir um plano envolvendo toda a escola.

Esse encontro foi mediado pelo Núcleo de Relações Étnico-raciais e de Gênero (SMED), representado pela professora e escritora Rosa Margarida Carvalho, que realizou um excelente trabalho com o grupo presente, encaminhando a discussão para as ações de introdução da Lei 10.639/2003 na escola.

Dessas ações apontadas pela palestrante podemos enumerar:

- 1) Analisar o currículo e o planos de trabalho docente pensando a inserção e aplicação da LEI 10.639/03 nas diversas disciplinas.

2) Prover a biblioteca escolar, a videoteca e a brinquedoteca com acervo atualizado sobre o tema étnico-racial.

3) Criar estratégias para a efetivação de um trabalho coletivo ,rompendo com as resistências.

4) Fazer um levantamento na comunidade de atuação da escola, elencando as manifestações culturais afro-brasileiras presentes na comunidade

5) Inserir, no regimento escolar, os critérios, pedagogicamente pensados para enfrentamento de situações de discriminação e racismo que venham ocorrer no ambiente escolar .

A partir dessas ações, a escola deve buscar fundamentação teórica, para dar consistência a pratica pedagógica, redimensionando os caminhos, medindo resultados, corrigindo rumos e aperfeiçoando ações.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de três séculos, vivemos no Brasil um intenso processo de escravidão, que acabou promovendo o enraizamento da ideologia racista. Essa ideologia se faz ainda hoje marcante na sociedade brasileira em diferentes espaços sociais.

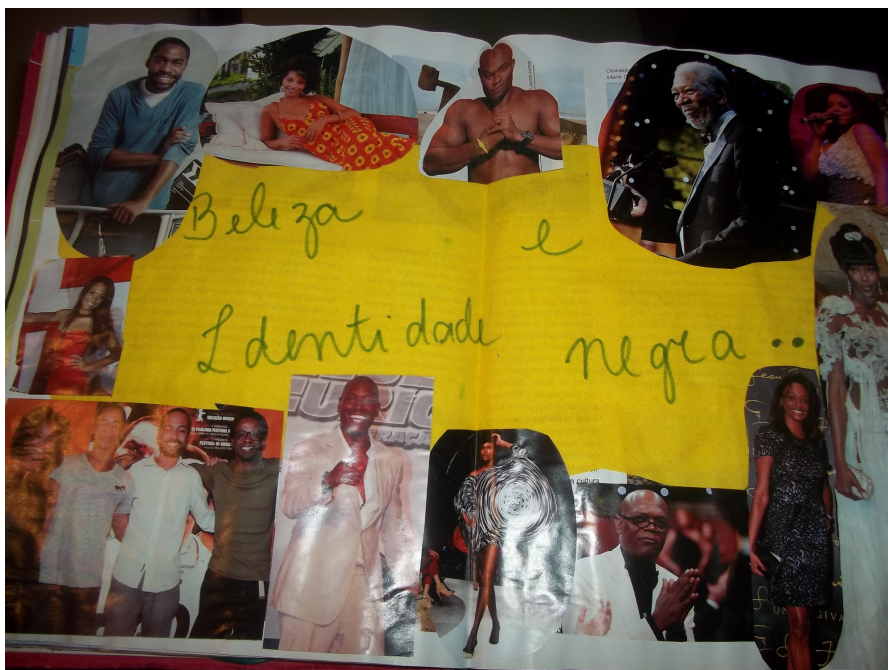
A escola, como espaço privilegiado da transmissão de saberes deve oferecer o ensino da cultura africana e dos afro- descendentes. A partir do momento que ela realize um trabalho efetivo com a questão racial, atendendo a uma demanda contemporânea, poderemos começar a pensar em superar o racismo e na reconfiguração da identidade negra.

O desafio está posto, mas boa vontade só, não basta!

11. REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense.
- BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 dez. 1996.
- BRASIL. Lei nº. 10.639 de 09 de janeiro de 2003. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.
- . Ministério da Educação/Secad. 2004 *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica*.
- DEL PIORE, Mary; VENÂNCIO, Renato Pinto. **Ancestrais: uma introdução à história da África Atlântica**. Rio de Janeiro: Editora Campus,2004.
- GOMES, Joaquim Barbosa. **Ação afirmativa & princípio constitucional de igualdade**. Rio de Janeiro:Renovar,2001.
- GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza,.1995
- GOMES, Nilma Lino. **Educação e Identidade Negra**.IN: Revista Aletria: alteridades em questão, Belo Horizonte, POSLIT/CEL, Faculdade de Letras da UFMG, v.06, n.09, dez/2002, p. 38-47.
- GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Beatriz Gonçalves e. **Movimento negro e educação**. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, set/out/nov/dez, n.15, p.134-158,2000.
- KINDERSLEY, Barnabas e Anabel. **Crianças como você: Uma emocionante celebração da infância no mundo**. São Paulo: Ática|UNICEF,1996,
- OLIVEIRA, Aláide Lisboa de. **A bonequinha preta**. Belo Horizonte:Editora Lê,1996.
- SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro :Graal,1990.

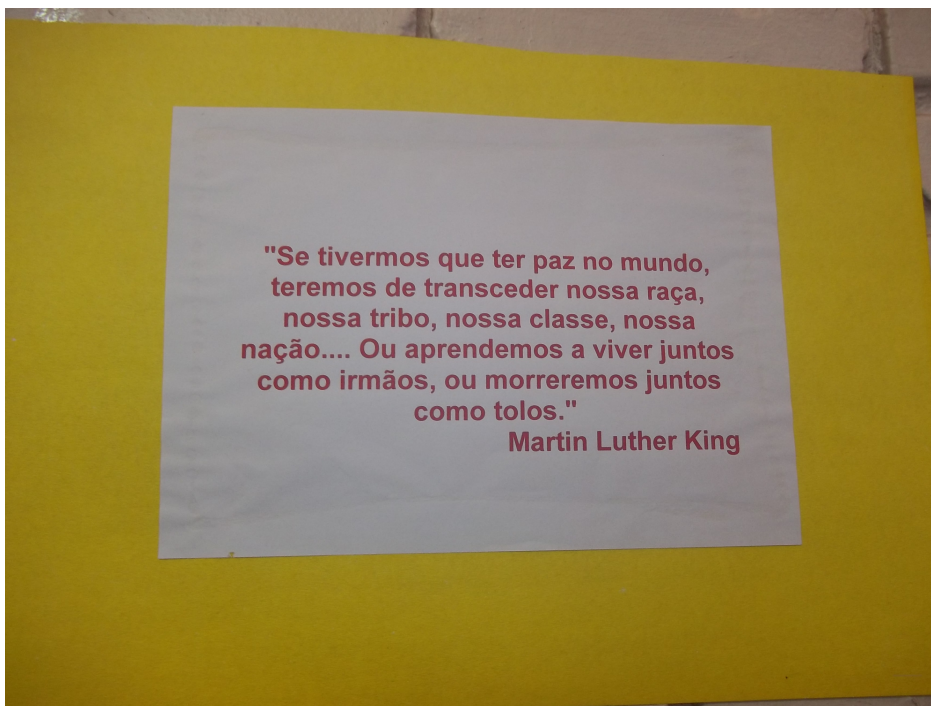
12. ANEXOS



Página de revista feita pelos alunos

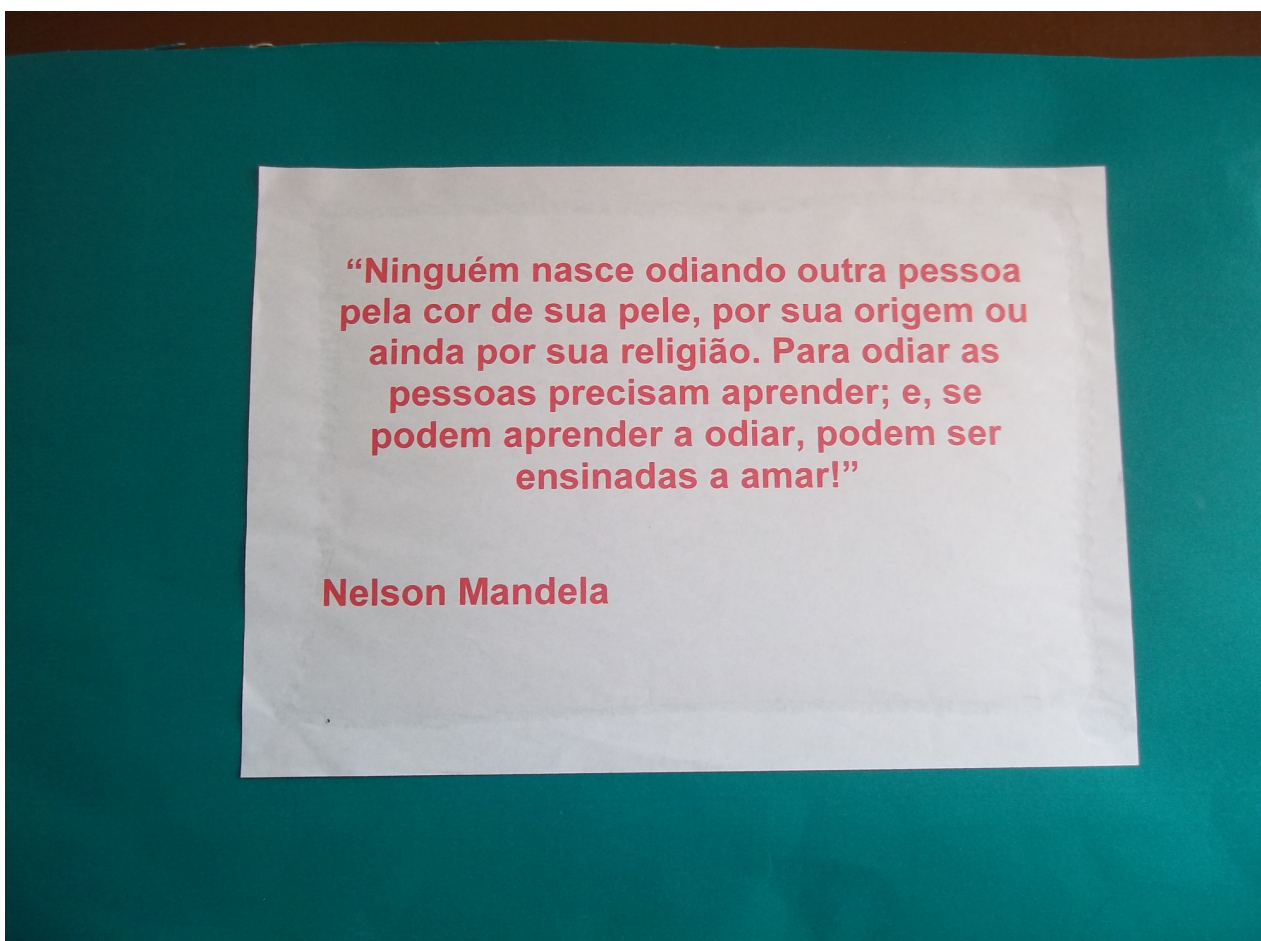


Boneca produzida para a contação de histórias



**"Se tivermos que ter paz no mundo,
teremos de transcender nossa raça,
nossa tribo, nossa classe, nossa
nação.... Ou aprendemos a viver juntos
como irmãos, ou morreremos juntos
como tolos."**

Martin Luther King



**"Ninguém nasce odiando outra pessoa
pela cor de sua pele, por sua origem ou
ainda por sua religião. Para odiar as
pessoas precisam aprender; e, se
podem aprender a odiar, podem ser
ensinadas a amar!"**

Nelson Mandela

Cartazes espalhados na escola.



Fotos no dia da Mostra Cultural Nov/2011.



Sala Mostra Cultural Nov/2011



Material- Divulgação Mostra Cultural Nov/2011